

Falta de recursos pode brecar desenvolvimento

por Vera Saavedra Durão
do Rio
(Continuação da 1ª página)

Para o triênio dezembro/89 a dezembro/92 há uma intenção das empresas de aumentar sua capacidade instalada em 8%, percentual inferior aos 11% programados para o triênio dezembro/88 a dezembro/91. Estes dados, na análise de Eden Gonçalves de Oliveira, chefe do Centro de Estudos Industriais da FGV, sinalizam a disposição da indústria de reduzir o ritmo de andamento de seus projetos de ampliação da capacidade instalada até contar com uma estabilidade maior dos indicadores macroeconômicos, principalmente a inflação.

Dos 212 segmentos industriais componentes da indústria de transformação, catorze alteraram para menos seu patamar de crescimento da produção física no próximo triênio. Os segmentos mobiliários, de couros e peles, de material de transporte, de química, de vestidos, calçados e artefatos de tecidos e de fumo projetam, no entanto, expandir seu volume físico de produção nos próximos três anos, à exceção da indústria automobilística, que manterá seu nível de produção inalterado. Segundo a FGV, os investimentos fixos recentes das montadoras objetivaram apenas aprimorar seu processo de automação

industrial ou atualizar modelos.

Na década de 80, os investimentos estrangeiros no Brasil se concentraram 80% na indústria de transformação, conforme levantou a FGV. No entanto, em termos de valores investidos cairam a menos da metade do montante aplicado em 1980, de US\$ 1,4 bilhão.

Em 1989, este valor alcançou apenas US\$ 683,2 milhões em inversões líquidas. O ano de 1986 — do Plano Cruzado — foi o mais afetado com as saídas ou repatriações de capital pelas multinacionais, gerando um desinvestimento líquido de US\$ 120,4 milhões. "Este movimento agora parou", informou Rejane Gondim Janowitz, da FGV. Ela adverte, porém, para os riscos do processo de conversão da dívida (que em 1988 registrou uma entrada de US\$ 2 bilhões no País), que não implicou, na análise de Rejane Janowitz, aumento de capacidade instalada da indústria, mas "simples mudança de passivo". A forma de conversão da dívida vem sendo a preferida pelo capital estrangeiro, principalmente pelos banqueiros internacionais, para investir no Brasil.

CONVERSÃO DA DÍVIDA

Durante a visita do secretário de Comércio do governo Bush ao Brasil, Robert

Mosbacher, empresários americanos presentes a um almoço no consulado dos EUA, no Rio, deixaram clara sua disposição de investir a curto prazo no País apenas via conversão da dívida. A condição "sine qua non" para o Brasil ter de voltá os dólares do capital de risco norte-americano foi apontada na ocasião: a estabilidade econômica e regras do jogo claras para remessas de lucro e dividendos.

Também os japoneses condicionam investir seus países no País à queda da inflação e redução da intervenção excessiva do governo na vida das empresas, como o controle de preços, bem como a uma melhoria da distribuição de renda, ampliando o mercado interno nacional, conforme estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Ausentes o Estado e o capital externo, os empresários no ano passado investiram recursos próprios em suas fábricas. A sondagem da FGV levantou que 58% dos recursos destinados a investimentos na indústria de transformação tiveram origem em recursos próprios, 3% em subscrições de novas ações, 2% de recursos externos, 1% em incentivos fiscais e 18% não especificados. Esta tendência deverá ser mantida pelo menos nos próximos cinco anos.